

## A Estética Trágica e os Retratos de Felipe IV, de Diego Velázquez: possibilidades de análise

Susana Aparecida da Silva<sup>1</sup>

Resumo: O objetivo deste trabalho é refletir a partir da História Social a possibilidade de associação entre duas pinturas do artista espanhol Diego de Silva y Velázquez (1599-1660) o qual retrata o rei Felipe IV da Espanha, com a visão de mundo trágica. Um autor que nos interessa particularmente neste aspecto é Francisco Carlos Monge<sup>2</sup>, pois sua discussão perpassa pela idéia de efemeridade da vida presente na literatura, poesia e pintura do barroco espanhol e possibilita uma relação entre a noção de brevidade da vida presente em alguns autores do Barroco e a visão de mundo trágica.

É possível fazer uma inferência com relação à figura do rei como semideus, já que o poder que lhe é outorgado lhe confere uma atmosfera quase divina. Ocorre que na tragédia grega Aquiles tem um ponto fraco (calcanhar) e morre na luta, pois é um semideus. O Felipe IV dos vários retratos pintados por Velázquez não morre em uma batalha em função de um golpe no calcanhar, mas o tempo vai gradualmente aniquilando o que de mais apolíneo ele possui, ou seja, a aparência, as roupagens, a pose hierática e mesmo a juventude da pele e dos cabelos, bem como os demais seres humanos.

O monarca de Velázquez envelhece a cada retrato ao passo que sua imagem permanece para a posteridade. A arte no seu fazer pode ser considerada como apolínea, porém pode representar elementos dionisíacos. No caso de Velázquez o elemento dionisíaco pode ser visto na ação do tempo no corpo do rei, ou seja, o envelhecimento. Podemos notar aqui, por exemplo, a presença dos dois elementos que compõem a tragédia, o elemento dionisíaco da ação do tempo e o elemento apolíneo representado pela própria arte pela qual Velázquez faz representar seu rei.

Uma narrativa do trágico ou uma visão de mundo trágica pode remeter à forma pela qual, por motivos de conjuntura histórica há certa tendência a elaborar uma escrita que contenha elementos do trágico. Estes elementos podem ser o conflito ou inter relação do elemento apolíneo e dionisíaco em uma obra de arte por exemplo.

Se nesse conflito ou, melhor dizendo, neste aparente conflito há uma espécie de reconciliação destes elementos através da catarse; aniquilamento de heróis ou mesmo o exercício de reflexão ou compaixão por parte do expectador, podemos dizer que é possível detectar a presença do elemento trágico. Segundo este ponto de vista, então, há uma problematização do senso comum, onde a idéia de trágico está comumente associada a finais tristes somente.

Ao pintar seus retratos do rei, o pintor pode ter mesclado elementos da estética trágica. A representação do envelhecimento do rei Felipe IV e a decadência da monarquia espanhola são alguns dos elementos a serem observados nos retratos à luz da estética do trágico, ou seja, analisar a existência ou não de elementos da estética trágica em um dos maiores pintores do barroco europeu.

Palavras - chave: História da Arte; Representações; Velázquez

Se você quer entender (...) a história (...) deve observar cuidadosamente os retratos. Nas fisionomias das pessoas sempre existe alguma coisa sobre a história de suas épocas para ser lidas, se soubermos como lê-las.

*Giovanni Morelli In: Burke, Testemunha Ocular.*

Com relação à citação feita acima, refere-se ao fato de esta pesquisa se dedicar ao estudo de retratos como fonte documental. Observar as relações de criação artística de determinada sociedade e período e a sua valorização posterior ou contemporânea, contribui para pensar a obra de arte como produto de determinadas noções de mundo, estas, advindas de uma subjetividade construída historicamente.

Em fins do século XVI nascia na Espanha o pintor que seria um dos grandes expoentes do que se convencionou a chamar de arte Barroca. As pinturas por ele produzidas, em sua maioria, são parte de seu trabalho como pintor oficial da corte de Felipe IV, um Habsburgo. Destacando-se ao elaborar retratos, Diego Rodríguez de Silva e Velázquez (1599-1660) é responsável pela perpetuação da imagem da monarquia espanhola em um período em que a coroa hispânica passava por conflitos que iam desde as lutas religiosas, com o avanço do protestantismo nos países Baixos e os conflitos de caráter religioso na Europa.

Para alguns historiadores da Arte, as “produções artísticas” que se estendem pela Idade Média (séculos V ao XV) não possuem perspectiva. Outros colocam que haveria uma perspectiva distinta das que a modernidade reconhece como tal.

A representação das formas dando a perceber profundidade, a que os renascentistas tanto valorizavam, pode ser uma forma de revelar a percepção de Tempo do artista que concebe determinada obra de arte e da sociedade em que vive. Isso se dá pela forma como organiza o espaço, reservando aos objetos e pessoas proporções diferentes de tamanho que pretendem sugerir a distância em que se localizam uns em relação aos outros elementos da composição, fala-se aqui, prioritariamente, da pintura.

No caso das pinturas da Idade Média, a diferença de tamanho geralmente significava distintas hierarquias. Um rei certamente seria representado em dimensões bem maiores do que seus servos, filhos ou mesmo sua esposa. E esta é uma característica presente também na arte da antiguidade, onde é possível lembrar aqui as pinturas em cerâmica, parietais e esculturas egípcias.

Inicialmente se refletirá sobre a prática da perspectiva na pintura, a fim de ensejar visualizar de forma analítica alguns aspectos dos retratos pintados por Velázquez, elementos visuais que levem o expectador a perscrutar destes retratos possíveis significações.

Diego de Silva e Velázquez é um pintor espanhol nascido em 1599 na cidade de Sevilla e que posteriormente foi admitido na corte de Felipe IV da Espanha como pintor oficial da corte até sua morte em 1660. Filho de pai português e mãe sevilhana, Velázquez se matricula no atelier de Herrera, um pintor tenenbrista<sup>3</sup> espanhol de grande talento, porém conhecido pela sua personalidade difícil. Talvez esta razão Velázquez tenha resolvido desistir de ser seu aluno para matricular-se no atelier de Pacheco, um artista de menor renome, porém com outros atributos, entre eles o de ser mais “acessível” a seus discípulos. Mais tarde, já com 18 anos de idade, Pacheco concede a Velázquez sua filha em casamento, o qual se torna seu genro.

Com a influência sócio-cultural de Pacheco, Velázquez consegue entrar em contato com o círculo cultural da corte de Madrid, onde após um concurso substituiu Villandrando, o pintor oficial de Felipe IV. Profundamente impressionado com o talento retratista de Velázquez o monarca forneceu estipêndio e moradia na corte em troca dos serviços do artista. Após sua inserção neste meio pode-se dizer que suas obras se voltam majoritariamente a retratar a vida na corte, os monarcas, os anões, bobos da corte.

Este quadro (Imagem 1.1) foi feito por Velázquez pouco tempo depois de ser nomeado pintor do rei. Na imagem o rei Felipe IV aparece vestido com trajes de batalha, remetendo aos conflitos da Cataluñia que ocorriam no momento em que foi pintado quadro. A representação do poder da realeza espanhola nestes suntuosos trajes em tons prateado e vermelho pressupõe a personificação do poder político do monarca, a intenção de afirmar seu caráter nobre e sua autoridade. Predominam as cores vermelho, dourado, amarelo e preto. Incide sobre o monarca uma luz intensa que reforça os traços de sua juventude tanto quanto é realista.



**1.1 Felipe IV com armadura (fragmento), 1628**  
Óleo sobre tela, 58 x 44,5cm  
Museo del Prado, Madrid



**1.2 Felipe IV, 1655/1660**

Museu do Prado – Madrid 1655-1660

Já na imagem 1.2, feita do rei na sua idade madura, o plano de fundo marcado pela cor negra pode querer remeter-se a indefinição de perspectivas de futuro, ou mesmo a um passado que não possui “cores significativas”. Já a face melancólica de Felipe IV que se repete nos retratos, leva a crer que Velázquez intentou plasmar em suas telas o “rei sem alegria/personalidade” de que alguns autores falam.

Nesta perspectiva, faz-se necessário estudar de forma panorâmica alguns aspectos sócio-biográficos do pintor, problematizando a idéia de que o contexto por si só é suficiente para estudarmos uma fonte histórica. Pretende-se também realizar reflexões a respeito da Arte barroca espanhola, cujo estilo artístico convencionou-se a dizer que Velázquez pertence.

Pintor emblemático da arte espanhola chamou-nos atenção o estudo de sua obra pelo fato de que é simultaneamente um sujeito histórico oriundo da cosmovisão da Espanha do século XVII e que traz consigo os vestígios de sua experiência sócio-cultural e espaço-temporal, e como indivíduo que é, tem singularidades cognoscitivas, relevante para sua arte. O período em que o estilo artístico do Barroco tem destaque se estende de fins do século XVI e início do século e meados do século XVII na Espanha e é chamado de “o século de ouro” espanhol. O autor (BAZIN,1999, p.49) diz que a crise política caracterizada pela não manutenção do poder centralizado auferido por Felipe II, não evitou que os reis Habsburgos (o último deles foi Carlos II) vissem sob o seu governo um período de grande expansão e destaque das artes.

Aqui há duas questões a se fazer. Velázquez “deturpa” a imagem do rei ou o retrata de forma intensamente realista? Quiçá haja ali estes dois aspectos. Velázquez se encontra sob um poder: pinta o que ordenam que ele pinte, sem, no entanto, anular-se. Através de cada detalhe, de cada pincelada, algumas questões que extrapolam os limites desta determinação temática a que estaria submetido podem ser pensadas.

Seria possível pensar que Velázquez está inserido em uma estética caracterizada por elementos trágicos? Talvez haja alguma relação de verossimilhança entre os pensamentos que perpassavam as mentes do Barroco europeu e que se relacionem com o elemento trágico:

El otro gran tema Del barroco español, el desengaño, se deriva de La percepción de un mundo en permanente cambio y movimiento, ya nunca más él que fue ayer, y sin Duda alguna tampoco será mañana. Las cosas aparecen y desaparecen, nada es permanente; todo es mudanza y fugacidad. Ya el inglés Hobbes lo había dicho: “La vida no es otra cosa que movimiento” y, desde un modesto convento en de Huesca, el español Gracián también llegaría a afirmar que “no hay estado, sino continua mutabilidad en todo”. Esta continua mudanza produciría incredulidad y desasosiego, y en los peores casos pesimismo. Ya no estamos ante el mundo seguro y ordenado en el que confiaban los renacentistas, sino ante La incertidumbre y La inestabilidad.<sup>4</sup>

Segundo o que escreve Monge, cujo excerto acima colocado discute elementos constituintes da cosmovisão da Espanha do século XVII e frente a análise comparativa entre a imagem 1.1 e 1.2, pode-se dizer que o rosto de Felipe IV aparece cansado e derrotado na segunda e reluzente e jovem na primeira, ainda que melancólico. Neste sentido a ordem dos elementos trágicos; o aniquilamento do herói e a reconciliação característica da estética trágica bem como da tragédia acaba por contribuir para que se pense estes retratos de Velázquez como constituintes de uma estética com elementos trágicos.

No ambiente da corte, a figura de Felipe IV é tratada como sendo a de um monarca de imagem melancólica e cujas “rédeas” do Estado repousam sob as mãos do autoritário conde duque de Olivares. Esta suposta melancolia é representada nos retratos pintados por Velázquez através do olhar mortiço e aparentemente resignado de Felipe IV. Há aqui também o aniquilamento do herói, representado aqui pela figura do monarca espanhol cujo envelhecimento e face melancólica em vez simultânea a pose e ostentação de suas roupas e aposentos reais e ao mesmo tempo perpetuação pela memória através do vários retratos em que aparece representado.

No ato de observação desta seqüência de retratos, tem-se a impressão de que o Tempo para Velázquez é o tempo extremamente efêmero, o responsável pela brevidade da vida (elemento trágico). O tempo tem estas características até mesmo para a realeza, isto pode ser pensado pela forma como desmitifica o “corpo” real ao representar enfado, melancolia e o envelhecimento.

A maior parte dos biógrafos de Velázquez, embora o defina como participante das características fundamentais do Barroco tende a salientar a dificuldade de rotular o pintor dentre os “ismos” estilísticos de fins do século XVI e decorrer do século XVII, sejam eles o Maneirismo, Classicismo, Tenembrismo, Naturalismo, entre outros. Isto se dá devido à multiplicidade de elementos estéticos e históricos que compõem as suas criações.

Por outro lado, no que concerne ao estilo Barroco das produções artísticas, parece interessante relembrar algumas de suas principais características basilares:

“Mais tarde, na segunda metade do século passado, o crítico suíço Heinrich Wölfflin<sup>5</sup> e os seus seguidores deram à palavra um significado mais objetivo. Referindo-se sempre à arte do século XVII e dos princípios do século XVIII, definiram como barrocas aquelas obras em que estavam presentes determinadas características: a procura do movimento, quer real (uma parede ondulada, uma fonte, de onde a água jorra em formas sempre novas), quer sugerido ( um personagem retratado durante uma ação violenta ou sob um esforço); a tentativa de representar ou de sugerir o infinito (uma alameda que se perde no horizonte, um fresco que simula uma abóbada celeste, um jogo de espelhos que altera e torna irreconhecíveis as perspectivas); a importância dada às luzes e aos efeitos luminosos na percepção final e na própria concepção da obra de arte; o gosto pelo teatral, pelo cenográfico, pelo faustoso; a tendência para não respeitar os limites das disciplinas, isto é, para misturar a arquitetura, a escultura e a pintura.<sup>6</sup> (CONTI, 1986,p.06)

Há muitos autores como críticos de arte, historiadores e filósofos<sup>7</sup> que se dedicam ao estudo das obras denominadas Barrocas na atualidade. No caso das pinturas de Velázquez, há tentativas de relacioná-las com a literatura<sup>8</sup>, outros que logram fazer um paralelo com conceitos filosóficos<sup>9</sup>. E trabalhando com a idéia de instantaneidade em Velázquez, algo que se aproxima do tema deste trabalho, há a pesquisa do espanhol Solís<sup>10</sup>.

Velázquez representa então uma partícula de tempo, o instante. Todavia um instante pode simbolizar o momento eterno, pois após mais de três séculos a figura de Felipe IV e mesmo a de Velázquez produz reflexões, estudos e suscita questões relativas ao momento em que viveram e que a sociedade contemporânea vivencia.

<sup>1</sup> Mestranda em História Social – UEL

<sup>2</sup> MONGE, Carlos Francisco. Las sombras de La Duda (Velázquez y el barroco literario español). Atenea [em línea] 2003, (segundo semestre): fecha de consulta 16 de julio de 2009.

<sup>3</sup> Tendência artística presente principalmente em inícios do século XVII e que remetia à utilização intensa de contrastes de luz e sombra. Podemos citar como exemplo a pintura de Caravaggio.

<sup>4</sup> MONGE, Carlos Francisco. Las sombras de La Duda (Velázquez y el barroco literario español). Atenea [em línea] 2003, (segundo semestre): fecha de consulta 16 de julio de 2009. pp.144.

<sup>5</sup> WÖLFFLIN, Henrich. *Conceitos Fundamentais da História da Arte: o problema da evolução dos estilos mais recentemente*. Tradução: João Azenha Jr. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

<sup>6</sup> CONTI, Flavio. Como reconhecer a arte Barroca. Martins Fontes: São Paulo, 1986.

<sup>7</sup> FARIA, Rodrigo Santos de. Velázquez e Veyne, e as articulações entre a pintura e a história: os processos relacionais na constituição da origem dos eventos históricos. *Revista Mosaico*, vol.2, n.1, p.26-34, jan./jun., 2009. Disponível em: <<http://seer.ucg.br/index.php/mosaico/article/view/780/597>>

<sup>8</sup> DONADA, Jaqueline Bohn. Insuspeitável Modernidade: criação e apreciação artística segundo As Meninas, de Diego Velázquez e Frankenstein, de Mary Shelley. *Gláuks*, vol.7.nº.1 (2007)186-198. Disponível: <[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos\\_teses/Ingles/donada\(1\).pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos_teses/Ingles/donada(1).pdf)>

<sup>9</sup> Idem ao iv.

<sup>10</sup> SOLÍS, Francisco Arias. La instantaneidad de Velázquez. *Letralia* Tierra de Letras. Edición nº63, 1 de febrero de 1999. Cagua, Venezuela. Disponible en: <<http://www.letralia.com/63/en01-063.htm>>